

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

## Breve notas sobre Gramsci interpretando Maquiavel\*

Vanessa Braga Matijascic\*\*

### Resumo

A partir de "Breve notas sobre a política de Maquiavel" em *Cadernos do Cárcere*, o objetivo desse ensaio é realizar uma interpretação sobre a importância e a influência que obras de Nicolau Maquiavel, como *O Príncipe* e *A Arte na Guerra*, despertaram na produção e pensamento de Antônio Gramsci. Estabelecemos paralelos entre os autores e destacamos a influência das idéias do ilustre florentino para a elaboração de uma nova e contemporânea política de Antônio Gramsci para a Itália do início do século XX.

**Palavras-Chave:** Gramsci, Maquiavel, Itália, Política, História.

### Abstract

After having some thoughts from the reading "Brief Notes On Machiavelli's Politics", which is part of *The Prison Notebooks*, the aim of this essay is to discuss the importance and influence of some Niccolo Machiavelli's publications such as *The Prince* and *The Art of War* in Antonio Gramsci ideas. We drew some parallels between their main ideas and we highlighted the Machiavelli's influence to Gramsci thoughts towards a new framework of the contemporary politics to Italy in the early twentieth century.

**Key words:** Gramsci, Machiavelli, Italy, Politics, History.

\* Agradeço ao professor Alberto Aggio pelos ensinamentos apreendidos de suas aulas "Política e História em Gramsci", ministrada em 2011 para pós-graduandos em História da UNESP-Franca. Qualquer interpretação equivocada da autora é de sua inteira responsabilidade. Críticas e sugestões sobre o trabalho podem ser enviados para o contato eletrônico: monalisavbm@gmail.com. Registra-se também os merecidos agradecimentos ao conjunto de acadêmicos: Suzeley Kalil Mathias, Juliano Akira Aragusuku e Neusa Maria Pereira Bojkian pela cautelosa leitura e sinceros apontamentos e críticas. Acerca das considerações sobre Gramsci e a realidade histórica italiana, ficamos gratos às observações de Deborah Spiga.

\*\* Professora adjunta na graduação de Relações Internacionais da Universidade Paulista e na Escola Superior Diplomática. É doutoranda em História na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus Franca (2010-2014) e foi bolsista CAPES (2011-2013). Realizou estágio de pesquisa de doutorado (2012-2013) em Georgetown University, sendo bolsista Fulbright/CAPES. Mestre em Relações Internacionais pela UNESP pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UNESP/UNICAMP/PUC-SP "San Tiago Dantas" quando foi bolsista CAPES/PRÓ-DEFESA (2006/2008). Bacharel em Relações Internacionais pela UNESP-Franca. É integrante do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES/UNESP/CNPq).  
Recebido em 07/10/2013. Aprovado para Publicação em 20/12/2013.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Gramsci realizou reflexões no cárcere sobre o pensamento de Nicolau Maquiavel, Dante Alighieri, Karl Marx e Benedetto Croce. Sobretudo, o pensamento gramsciano ocupou-se da proposição de uma nova organização política na Itália, tal como Maquiavel fez no exílio em diferente contexto histórico. Sabendo que Gramsci parte de uma concepção revolucionária, e principalmente contraposta ao fascismo, pretendemos discutir como a primazia da política e de ideias contidas nos clássicos *O Príncipe* e *A Arte na Guerra* escritos por Maquiavel transparecem na concepção analítica gramsciana sobre a sua proposta política para a Itália do início do século XX. Acima de tudo, celebrando os quinhentos anos de *O Príncipe*, escrito em 1513, temos por objetivo resgatar nesse ensaio a importância da obra de Maquiavel nas reflexões do italiano sardo.

Instigante e frequente é o exercício acadêmico que se faz ao ler e compreender ideias de pensadores que tenham sido destaque e que influenciaram o curso dos acontecimentos de gerações passadas. Muitos ensinamentos contidos em tais obras são, sobretudo, contemporâneos e ajudam a compreender o presente a partir do que aconteceu (ou do que se pensou) no passado. Porém, nem sempre a prática de leituras dos clássicos tem apenas a finalidade do exercício acadêmico. Tal evidência é sugerida ao referirmo-nos às "breves notas" que Gramsci dedica ao pensamento de Maquiavel, em seus *Cadernos do Cárcere* (1929-1937)<sup>1</sup>.

Além do interesse na interpretação de obras como *O Príncipe* e *A Arte na Guerra*, Antônio Gramsci recorreu a Maquiavel para exaltar a importância do âmbito político como esfera propulsora de grandes mudanças. Processos de ruptura são centrais em algumas correntes acadêmicas, como na leitura

<sup>1</sup> Para uma reflexão apurada sobre a vida e a obra de Gramsci, bem como para realizar leituras de publicações científicas sobre esse legado, recomenda-se o acesso ao endereço eletrônico da Fundação Instituto Gramsci: <<http://www.fondazionegramsci.org/>>. Acesso em 06/10/2013. Escolhemos manter citações diretas nesse estudo para que o ensaio possa ser acessível não somente aos círculos de especialistas em Gramsci. Logo, nosso intuito é assegurar a compreensão a um público maior e que talvez desconheça as reflexões gramscianas sobre Maquiavel.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

historiográfica marxista. Gramsci também esteve interessado nesses processos e talvez por isso possa ser considerado por alguns como um revisionista do pensamento marxista. Sobre o marxismo, Gramsci (2000) escreveu:

No marxismo puro, os homens tomados em conjunto não obedecem às paixões, mas às necessidades econômicas. A política é uma paixão. A pátria é uma paixão. Estas duas ideias exigentes só desempenham na História uma função aparente, já que, na realidade, a vida dos povos, no curso dos séculos, é explicada através de um jogo cambiante e sempre renovado de causas de ordem material. A economia é tudo. Muitos filósofos e economicistas "burgueses" retomaram este estribilho. [...] Os grandes espíritos, os iniciados sabem que tudo é denominado por débito e crédito. Mas esta é uma pseudoverdade absoluta. É completamente falso que os povos só se deixam guiar por considerações de interesse e é completamente verdadeiro que eles obedecem mais do que nunca ao sentimento. O materialismo histórico é uma boa idiotice (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.51).

Gramsci, no raciocínio acima, expôs sua crítica a um dos pilares do pensamento de Marx e desafiou a formulação marxista, relativizando a supremacia econômica em detrimento da esfera política como paixão que motiva e engendra processos de ruptura. É fato que a esfera econômica ocupa o centro da corrente marxista. Porém, como vimos nas palavras de Gramsci, não é possível classificá-lo categoricamente como marxista, pois ele partiu de premissas distintas das motivações dos processos de ruptura nessa parte discutida do *Cadernos do Cárcere*. Podemos dizer que essa argumentação do pensamento gramsciano sobre Maquiavel nos faça inferir que ele foi propositivo e alternativo ao marxismo. Talvez, arrisquemos concordar que Gramsci estava em busca de um “caminho italiano para o socialismo”, tal como sua trajetória evidenciou<sup>2</sup> (CARPEAUX, 1966). Toda nossa cautela almeja o esforço da interpretação,

<sup>2</sup> Gramsci foi fundador do Partido Comunista da Itália e esteve envolvido com greves e causas operárias.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

evitando a expropriação<sup>3</sup> das ideias de Gramsci como argumentado por Dante Germino (2003, p. 133).

Ao realizar nesse estudo, que se constitui um esforço para compreender a importância do pensamento de Maquiavel para Gramsci, buscamos respostas sobre o que, nas formulações do primeiro italiano, desperta a inovação proposta ao pensamento do segundo. Retrataremos, portanto, Gramsci como o "arquiteto de uma nova política", ciente de todas as imprecisões e limitações que nosso entendimento suscitará, tal como Dante Germino (2003, p. 127) sinalizou sobre o empenho falível que permeia o exercício de interpretações de autores.

Gramsci e suas reflexões sobre os pensamentos de Maquiavel

Iniciaremos nosso raciocínio pela forma como Gramsci (2000) contextualizou o pensamento de Maquiavel, adaptando as preocupações do autor às necessidades da época:

Maquiavel é um homem inteiramente de seu tempo e sua ciência política representa a filosofia da época que tende à organização das monarquias nacionais absolutas, a forma política que permite e facilita um novo desenvolvimento das forças produtivas burguesas. Em Maquiavel, pode-se descobrir *in nuce* a separação dos poderes e o parlamentarismo (o regime representativo): sua "ferocidade" está voltada contra os resíduos do mundo feudal, não contra as classes progressistas (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.33).

<sup>3</sup> A diferença entre interpretar e expropriar as ideias de um autor podem ser assim entendidas na breve consideração de Ricardo Rizzo (2003) quando escreveu: "(...) Seguindo o método de Germino, devemos interpretar os *Cadernos* inclusive à luz desse seu desenvolvimento improvável. Certamente a estrutura que resulta daí acaba sendo mais propícia, por fragmentada, àquilo que Germino chama de 'expropriação': 'Expropriar Gramsci significa arrancar determinadas ideias ou passagens do contexto, para dar apoio ao projeto pessoal do expropriador'. E acrescenta que, para ele, todas as supostas interpretações que apresentam Gramsci como um 'revisionista', por exemplo, seriam típicas 'expropriações'." Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?id=22&page=visualizar>>. Acesso em 06/10/2013.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Na passagem, e sob a luz da interpretação gramsciana, ficou expressa a intenção que Maquiavel teve ao alertar o leitor sobre a necessidade italiana quinhentocentista de romper com o feudalismo. O paradoxo estava em terras italianas divididas entre detentores da atividade agrícola e àqueles que se constituíram como nova camada social cuja atividade econômica era a mercante. Logo, este grupo viabilizaria o enriquecimento italiano nos moldes do capitalismo mercantilista e tendo em vista uma nova estruturação política: a constituição do Estado-nação e laico. Sobre a forma como Gramsci viu a contribuição de Maquiavel, ele escreveu:

Criou-se o hábito de considerar Maquiavel, de modo excessivo, como o "político em geral", como o "cientista da política", atual em todos os tempos. É necessário considerar Maquiavel, em grau maior, como expressão necessária de seu tempo e como estreitamente ligado às condições e às exigências de sua época, que resultam: 1) das lutas internas da república florentina e da estrutura particular do Estado que não sabia libertar-se dos resíduos comunal-municipais, isto é, de uma forma bloqueadora de feudalismo; 2) das lutas entre os Estados italianos por um equilíbrio no âmbito italiano, que era obstaculizado pela existência do Papado e dos outros resíduos feudais, municipalistas, da forma estatal cidadina e não territorial; 3) das lutas dos Estados italianos mais ou menos solidários por um equilíbrio europeu, ou seja, das contradições entre as necessidades de um equilíbrio interno italiano e as exigências dos Estados europeus em luta pela hegemonia (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.29).

Assim, percebemos a fundamentação histórica das necessidades que fizeram com que Maquiavel, na perspectiva de Gramsci, situasse o pensamento maquiavélico em consonância com os desafios na Itália. Tais desafios presumiam romper com a manutenção da antiga organização social e política, encontrando limitantes internos (senhores feudais e Igreja) frente a um contexto europeu mais

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

avançado que se constituiu pela existência de Estado-nações que disputavam a hegemonia no continente. O atraso italiano – como tratamos nesses termos – era percebido da simples observação da realidade externa.

Com o quadro que Maquiavel desenhara, Gramsci retomou as palavras do florentino sobre a importância do surgimento da liderança, mesmo como figura abstrata, o Príncipe, que desempenharia o papel de grande articulador e ordenador do "povo disperso e pulverizado para despertar e organizar sua vontade coletiva" (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.14). Gramsci estava atento a esse raciocínio de Maquiavel, pois, além de conter recomendações políticas sobre o que o novo líder deveria fazer, ele vislumbrou um contexto social italiano arcaico e propenso a imputar mudanças que seriam engendradas por uma nova camada social que não encontrava mais seu espaço na antiga ordem política e econômica.

No desenvolvimento do raciocínio acima, há paralelos que Gramsci realizou de maneira anacrônica, isto é, trouxe para a sua contemporaneidade a vontade política que ele ansiava para a Itália de seu tempo. Em primeiro lugar, interpretamos que foi possível localizar novamente uma Itália dispersa ou dividida em "A questão meridional"<sup>4</sup> parte que compõe *Escritos Políticos* de Gramsci. Essa dispersão gerou tal fragilidade que deixou a Itália vulnerável à ascensão fascista, minando o encaminhamento do projeto político revolucionário. Direcionar a vontade coletiva embebida de fervor passional e fundadora do novo Estado esmoreceu quando o político Gramsci foi enviado ao cárcere pela polícia fascista em 1926. Por outro lado, o "dever ser" ganhou impulso nos escritos

<sup>4</sup> Tal como conhecida, a questão meridional foi um dos escritos de Gramsci antes de ser preso e que situou politicamente o sul da Itália como o cerne do problema político e nacional italiano. Nas palavras de Marcelo Diana (2011): "Na sua análise da questão meridional, o partido proletário italiano deveria, portanto, reconhecer na aliança operário-camponesa um agente de luta e desarticulação do intelectual daqueles seus compromissos reacionários de classe, conquistando-o em favor de uma outra forma de organização da classe dirigente no poder. O êxito da ação revolucionária estaria, assim, reservado para a 'capacidade de desagregar o bloco intelectual que é a armadura — flexível, porém extraordinariamente resistente — do bloco agrário' (GRAMSCI: 435). Sem sombra de dúvidas, *A questão meridional* é aí tornada, na sua intenção mais original sobre a sociologia de classes, um artigo presente, ainda que póstumo à sobrevivência do seu autor". Disponível em: < <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1355>>. Acesso em: 06/10/2013.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

gramscianos sob a prescrição da inevitabilidade da ação política, tal como inspirado nas entrelinhas de *O Príncipe*. Embora o "dever ser" faça parte das publicações de ambos, a diferença entre Maquiavel e Gramsci, contudo, é, além da época, a forma de restrição da liberdade quando este esteve no cárcere e aquele no desterro. Diante dessa frustração, coube a Gramsci dedicar-se somente aos estudos e às formulações da nova política, já que a prisão minou parte de seu papel como intelectual orgânico<sup>5</sup>.

Retomando a interpretação de Gramsci sobre o Príncipe e a vontade coletiva, o escritor sardo recordou que, na conclusão da obra publicada no quinhentista, Maquiavel "se faz povo, confunde-se com o povo" (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.14). Mais adiante, Gramsci sinalizou que o "moderno príncipe" não poderia ser uma pessoa ou indivíduo concreto e desprovido de jacobinismo<sup>6</sup>. Sobre a primeira parte, não ser um único indivíduo, Gramsci acreditou na necessidade de um organismo, uma espécie de representação dos complexos e variados anseios da sociedade. Para isso, o partido político foi "a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais" (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.18). Assim, percebemos que a inspiração na leitura de Maquiavel provocou a inovação no pensamento político de Gramsci. Atualizando a leitura de *O Príncipe*, Gramsci afirmou que o partido político foi o ordenador da vontade coletiva em séculos passados. Entretanto, lamentou que a vontade coletiva foi cooptada por grupos conservadores – a aristocracia rural (e parasitária) e os eclesiásticos. Para Gramsci, as novas condições favoráveis para a organização da vontade coletiva deveriam ser

<sup>5</sup> No pensamento gramsciano, o intelectual orgânico ocupa-se bem mais do "dever ser", pois é atuante, articulador e executor da nova política. O intelectual orgânico não se distancia do contexto social em que vive, tal como o intelectual tradicional. Cf: FERRONI, 2007. Disponível em: <<http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=700>>. Acesso em: 06/10/2013.

<sup>6</sup> Entende-se como jacobinismo a expressão política contrária, a opinião e ação radical oposta a manutenção do *status quo*, numa alusão aos jacobinos da revolução francesa no final do século XVIII.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

buscadas na existência de grupos sociais urbanos, adequadamente desenvolvidos no campo da produção industrial e que tenham alcançado um determinado nível de cultura histórico-política. Qualquer formação de uma vontade coletiva nacional-popular é impossível se as grandes massas dos camponeses cultivadores não irrompem *simultaneamente* na vida política (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.18).

Interessante destacar da passagem acima que o vetor para a mudança estava nessa nova realidade social que floresceu da produção industrial. Assim, a transformação poderia ser instaurada a partir do envolvimento dessa camada urbana com determinado nível de cultura histórico-política, juntamente com a adesão da grande massa de camponeses que irrompessem na vida política. Interpretamos que a nova camada social modernizante, marginalizada na antiga estrutura e que iria romper com a tradicional ordem italiana era o proletariado que seria organizado e dirigido pelo partido político. Em nossa interpretação, depreendemos esse paralelo entre Gramsci e Maquiavel quando o primeiro descreveu o papel do Príncipe na ordenação da vontade coletiva para romper com o sistema feudal. Para Gramsci, essa função era a do partido político que deveria organizar as massas para irromper com o capitalismo industrial.

Outro aspecto importante da passagem acima é a possibilidade que Gramsci atribuiu aos camponeses como interventores na vida política. Esse elemento trouxe a novidade do radicalismo não esperado por parte desse grupo social, tão condicionado a não questionar a manutenção da ordem.

Mencionamos anteriormente a ideia do "moderno príncipe". Gramsci escreveu que o mesmo não poderia, além de ser uma pessoa concreta, ser desprovido de jacobinismo. A ideia do Príncipe não poder ser um único indivíduo, mas sim, o partido político já foi comentado anteriormente. Todavia, não



Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

havíamos refletido sobre a necessidade do ímpeto jacobino no partido político. Na visão gramsciana, a camada social que seria vanguarda e engendraria a mudança deveria estar embebida de jacobinismo para transformar em ação o projeto político. O radicalismo requer, além de audácia na ação, “reformas de mentalidades e mentes” para concretizar ações políticas. Essa mudança de pensamento seria possível somente via partido político. Desse modo, sugerimos que o ímpeto jacobino para Gramsci era necessário não somente como vetor de mudanças, mas também refletimos que isso é o resultado natural do momento histórico em que os extremos (do outro lado o fascismo) poderiam dar novos rumos a política italiana.

Elevando a nossa interpretação sobre esse raciocínio a uma escala extrema de defesa do projeto político, o uso da violência representaria a maneira mais exacerbada de jacobinismo do partido político. Talvez, também por essa razão, existiu para Gramsci importância na retomada da obra de Maquiavel *A arte na guerra*, isto é, servir de observação sobre como organizar milícias que, embebidas de furor passional, concretizassem o novo projeto político para entender e atender a manutenção do novo Estado instaurado. A agregação do furor passional ao projeto político é uma das características que diferenciam milícias das companhias mercenárias. E esse elemento subjetivo é o que alimentou o encaminhamento do projeto político embebido de certo jacobinismo.

Na passagem destacada acima, Gramsci afirmou que os grupos sociais urbanos estariam imbuídos de determinada cultura histórico-política como condição favorável para o partido político ordenar a vontade coletiva. Ao estabelecermos outro paralelo, Gramsci interpretou Maquiavel:

Uma parte importante do moderno Príncipe deverá ser dedicada à questão de uma reforma intelectual e moral, isto é,

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

à questão religiosa ou de uma concepção do mundo.[...] O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de uma reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido da realização de uma forma superior e total de civilização moderna (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.18).

Quando Gramsci retomou essa função do Príncipe, a proposição de que o partido político assumiria a tarefa na “reforma das mentalidades” antes da conjuntura revolucionária, o pensador sardo já defendia um dos papéis do partido político. Assim, a mudança de “mentalidades e mentes” emanaria da reforma estruturada pelo partido para toda a sociedade. A figura do intelectual era a de ter responsabilidade na continuidade da concretização da ação política. Logo, o centro de formação do intelectual para Gramsci era o partido político. Este também seria o eixo estruturante da “reforma de mentalidades e mentes” como centro difusor para todos os outros segmentos sociais, incluindo os poucos propensos a ruptura, como o campesinato.

Além disso, para Gramsci, Maquiavel contribuiu para a ciência política ao separar religião, ou crença em representação divina, do Estado (condução da política). A racionalização da política é elemento importante por torná-la passível de decisões que tenham em vista somente a finalidade objetiva e que possa ser julgada por critérios objetivos. Mais do que essa nossa interpretação, acreditamos que, para Gramsci, isso congregou extirpar a manipulação das massas pela crença anterior de que representante político e figura divina estavam juntos no mesmo indivíduo, logo, não existiriam decisões políticas passíveis de contestação. Com o encaminhamento dessas reformas seria possível para as massas perceberem a

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

relação de forças não desejável, o que as impulsionaria (ímpeto jacobino) para o estabelecimento da nova ordem<sup>7</sup>.

As relações de força, por sua vez, são compreendidas como uma contraposição do "dever ser" e do "ser". A primeira é a formulação para o novo, o propositivo, o que motiva mudanças respaldadas na análise da realidade que se anseia alterar. O segundo é a conservação do observado, do real e da realidade existente. Gramsci assinalou esse antagonismo como existente em outras interpretações de autores que leram Maquiavel. Porém, ele defendeu que o "dever ser" alimenta o projeto político para encaminhar o "ser", ou melhor, o que será. A realidade que se observa pode ser mudada, logo, o "ser" alimenta o "dever ser" do ato político. Numa passagem, Gramsci externa esse pensamento, contrapondo-se ao entendimento de que a contribuição de Maquiavel seria de caráter apenas científico, desprovido de realização de ato político:

Maquiavel não é um mero cientista; ele é um homem de partido, de paixões poderosas, um político em ato, que pretende criar novas relações de força e, por isso, não pode deixar de se ocupar com o "dever ser". [...] O político em ato é um criador, um suscitador, mas não cria a partir do nada nem se move na vazia agitação de seus desejos e sonhos. Toma como base a realidade efetiva: mas o que é esta realidade efetiva? Será algo estático e imóvel, ou, ao contrário, uma relação de forças em contínuo movimento e mudança de equilíbrio? Aplicar a vontade à criação de um novo equilíbrio das forças realmente existentes e atuantes, baseando-se naquela determinada força que se considera progressista, fortalecendo-a para fazê-la triunfar, significa continuar movendo-se no terreno da realidade efetiva, mas para dominá-la e superá-la (ou contribuir para isso). Portanto, o "dever ser" é algo concreto, ou melhor, somente ele é interpretação realista e historicista da realidade, somente ele

<sup>7</sup> *Aggiornamento* é a palavra utilizada por Gramsci para designar o florescimento da nova ordem.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

é história em ato e filosofia em ato, somente ele é política (Cadernos do Cárcere, Caderno 3, p.34).

Gramsci, portanto, viu Maquiavel como um "homem de ação, de quem quer induzir a ação" (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.57). Logo, na interpretação gramsciana, Maquiavel esteve também como o homem que propôs o "dever ser" quando alimentou que a iniciativa política necessária para libertar o impulso econômico rompesse com a política tradicional (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.70). Da mesma forma que Gramsci acreditou que a conjuntura descrita por Maquiavel proporcionava a atmosfera necessária para mudanças, também visualizou na Itália, do início do século XX, as condições favoráveis para revolucionar o rumo do país.

É necessário mover-se no âmbito de dois princípios: 1) o de que nenhuma sociedade se põe tarefas para cuja solução ainda não existam as condições necessárias e suficientes, ou que pelo menos não estejam em vias de aparecer e se desenvolver; 2) e o de que nenhuma sociedade se dissolve e pode ser substituída antes que se tenham desenvolvido todas as formas da vida implícitas em suas relações (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.36).

Maquiavel, por um lado, tido como "pessoa privada", escritor imbuído de um "exército de palavras" foi descrito por Gramsci como aquele que "jamais diz que pensa em, ou se propõe ele mesmo, mudar a realidade, mas visa apenas e concretamente a mostrar como deveriam operar as forças históricas para se tornarem eficientes" (Cadernos do Cárcere, Caderno 13, p.35). Isso não deixa de tornar Maquiavel, na concepção gramsciana, um filósofo da práxis (IZZO, 2010, p.341). Provavelmente, foi nesse aspecto que Gramsci no cárcere se identificou e resgatou Maquiavel para que, em sua realidade, cumprisse a mesma função.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Gramsci poderia ocupar-se exclusivamente do "dever ser". Verdade amarga, mas, ainda assim, o inspirou escrever e manter uma luta intelectual e silenciosa. Ocupar-se disso não deixou de ser função nobre, pois, assim como Maquiavel inspirou muitos líderes políticos, talvez também Gramsci vislumbrasse que futuramente a "arquitetura da nova política" inspirasse futuras lideranças italianas.

### **Considerações finais**

Buscamos neste trabalho realizar um ensaio analítico e explicativo que permitiu responder quais ideias de Nicolau Maquiavel em *O Príncipe* e em *A Arte na Guerra* contidas em "Breve notas sobre a política de Maquiavel" em *Cadernos do Cárcere* inspirou Antônio Gramsci na elaboração de uma nova política. Em nossa modesta ambição, tentamos apontar que para ambos o contexto interno frente a uma realidade externa era o grande impulsionador de uma mudança modernizadora e estruturante a ser implementada na Itália. É possível dizer que se verifica uma sobreposição da esfera política sobre aspectos econômicos como o elemento essencial que diferenciou Gramsci da corrente marxista. A supremacia da esfera política e das paixões de Maquiavel foi o que inspirou Antônio Gramsci a refletir sobre as condições favoráveis e os meios para viabilizar a transformação, inspirada na "arquitetura da nova política", encaminhando a proposta de um novo "dever ser" para a Itália do início do século XX.

### **Referências bibliográficas**

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

AGGIO, A.; HENRIQUES, L. S. "Gramsci no seu tempo - e no nosso". In: AGGIO, A.; HENRIQUES, L. S.; VACCA, G. (orgs). *Gramsci no seu tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

DIANA, M. "A questão meridional, intelectuais e classe dirigente", (abril, 2011).

Disponível em:

< <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1355> >.

CARPEAUX, O.M. "A vida de Gramsci" (1966). Disponível em:

< <http://www.acesa.com/gramsci/?id=125&page=visualizar> >.

FERRONI, G. "Gramsci e os modelos intelectuais no século XX" (2007). Disponível em:

< <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=700> >.

GERMINO, D. "Interpretando Gramsci". In: COUTINHO, C. N. & TEIXEIRA, A. P., *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GRAMSCI, A. "Breve notas sobre a política de Maquiavel". In: *Caderno do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.3, 2000.

GRAMSCI, A. "A questão meridional". In: *Escritos Políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.2, 2004.

IZZO, F. "Maquiavel como filósofo da práxis". In: AGGIO, A.; HENRIQUES, L. S.; VACCA, G. (orgs). *Gramsci no seu tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

PORTANTIERO, Juan Carlos. "Gramsci, leitor de Maquiavel". Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1113>>. Traduzido por Josimar Teixeira, julho 2009.

RIZZO, R. "As cinzas de Gramsci", 2003. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?id=22&page=visualizar>>.